



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

À ASI

Para encaminhamento.

Em, 04.05.76

Hel

Ismarh de Araujo Oliveira
Presidente da FUNAI

ASI/FUNAI
N.º 45/176
EM 06/05/76

Ciuit.

Restitua-se à Pres. FUNAI.

Em 6/5/76.

Jul
João Bezerra de Mello
Ass. Ch da ASI/FUNAI

Entregue por D. Joana - ch.
da Sec. FUNAI, para ser
arquivado n/ ASI.

Jul . 9-7-76 .

João Bezerra de Mello
Ass. Ch da ASI/FUNAI



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

À ASI

Para subscricao.

Em, 04.05.76

[Signature]

Ismarth de Araujo Oliveira
Presidente da FUNAI

ASI/FUNAI
N.º 151/76
EM 06105176

Ciute.

Restitua-se à Pres/FUNAI.

Em 6/5/76.

[Signature]
João Bezerra de Mello
Ass. Ch. da ASI/FUNAI

Seg. parte própria.

Jul. 07/5/76.

João Bezerra de Mello
Ass. Ch. da ASI/FUNAI

*** RELATÓRIO ***

Este depoimento em forma de diário, é o relato de tudo o que ocorreu desde a chegada a 11ª DR de Governador Valadares até os dias em que permaneci no Pôsto Indígena de Machacalis:

- NOVEMBRO DE 1975 -

DIA 10 (2ª Feira):

Apresentei-me juntamente com minha esposa na delegacia de Governador Valadares. Como o delegado Clodomiro Bloise estivesse ausente, fomos encaminhados ao Pálace Hotel e como lá não ser - vissem refeições, fomos levados para a Pensão Rodoviária.

DIA 11 (3ª Feira):

Após descansar, vou à delegacia, mas o Cel. ainda não chegara.

DIA 12 (4ª Feira):

Quando volto da delegacia, após saber que o Cel. ainda não chegara, encontro alguns policiais que estão hospedados na pensão. Quando ficam sabendo que me dirijo a Machacalis, falam que lá já estiveram e que a coisa lá é feia.

DIA 13 (5ª Feira):

Recebo notícia que devo partir no sábado, pois o Cel. ainda vai demorar a chegar.

DIA 14 (6ª Feira):

Vou à delegacia arrumar a bagagem na rural.

DIA 15 (SÁBADO):

20 horas - Parto de Governador Valadares por ordem do delegado substituto, Sr. Antônio Carlos Charcon, em companhia de minha família e do Sr. Alcides Fermaul que ia substituir o chefe do PI, Sr. Nazareno, e do chauffeur Sr. Vani, com destino ao PI de Machacalis.

DIA 16 (DOMINGO):

Chegamos à cidade de Machacalis, com grande atraso, devido às muitas paradas forçadas pelas chuvas fortes e péssimo estado das estradas. Como chegaríamos ao PI à noite, fomos aconselhados pelas autoridades local a permanecermos na cidade e partirmos na Seg. Feira, porque neste dia os índios geralmente ficam embriaga

dos e poderiam fazer algo contra nós.

DIA 17 (2ª FEIRA):

- 11,30 hs - Chegamos à sede do PI de Machacalis, onde fomos recebidos friamente pelo chefe, Sr. Nazareno. Este não deu mostras de agrado pela nossa chegada e disse que encontraríamos muitas dificuldades no Posto.

- 1º - Os índios estavam roubando a tudo e a todos;
- 2º - os fazendeiros das redondezas estavam apavorados com os constantes roubos de porcos, galinhas, bois e roças;
- 3º - que a casa da professora tinha sido assaltada;
- 4º - por medida de segurança tinha colocado as ferramentas restantes numa sala do escritório;
- 5º - que a porta da enfermaria tinha sido arrombada;
- 6º - que, caso fôssemos ficar, teríamos que vigiar constantemente nossas coisas, senão os índios roubariam até elas;
- 7º - não garantia nossa permanência no P.I., já que ele próprio se sentia sem segurança ultimamente.

- 12,00 hs - Vou ver, juntamente com o Fermau e o enfermeiro Farid, as maquinarias para o Fermau fazer o levantamento por ordem do Cel Bloise, para dar baixa e mandar para leilão. Enquanto o Sr. Nazareno ficou conversando com minha esposa, o Sr. Farid aproveitou estarmos a sós para aconselhar o Sr. Fermau, que não ficasse no PI porque o Sr. Nazareno não era de se inspirar com confiança, pois o mesmo havia tramado coisas contra ele e me aconselhou que não ficasse com minha família porque correria perigo de vida, porque a cilada já estava preparada e eu correria o mesmo perigo. Com isto, o Sr. Fermau que já vinha nervoso com as notícias recebidas anteriormente, ficou apavorado.

- 12,30 hs - Fomos à casa do Sr. Lourenço, onde minha esposa preparou um pouco de comida com os víveres que tínhamos trazido e, enquanto ela fazia o almoço eu e o Fermau, o motorista Vaní e o Sr. Lourenço fomos banhar, e lá o Sr. Lourenço nos falou que não havia condições de ficarmos, pois o Sr. Nazareno estava em complô com alguns índios para que ele não ficasse, pois correria perigo de vida, caso teimasse. Assim, se confirmavam as palavras do Sr. Enfermeiro Farid Miguel. Aconselhou nossa saída o mais rápido possível pois tinha medo que anoitecesse e ainda estivéssemos no PI. Mostrou uma vaca presa entre o barranco e o bréjo e nenhuma providência havia sido tomada.

- 13,30 hs - Retornamos ao posto onde redigimos documento para avisar da nossa volta a G. Valadares, o mesmo fazendo o Sr. Fermau, que devido à falta de segurança também retornaria.

- 15,00 hs - Empreendemos viagem de retorno, após deixar para os índios 3 sacos de sal e 2 de feijão preto.

DIA 18 (3ª feira):

Chegamos a Governador Valadares e nos apresentamos ao delegado, no dia 19.

DIA 19 (4ª Feira):

Apresentei minhas razões ao delegado, juntamente com o relatório, explicando tudo o que se passara. Ele concordou com o nosso regresso e disse que iria lá no dia seguinte para ver de perto como estavam as coisas. Após me despedir dele retornei com minha família para a mesma pensão onde estivera anteriormente.

DIA 20 (5ª Feira):

O Cel vai a Machacalis para ver a situação.

DIA 21 (6ª Feira):

O Cel retorna, avisando que o problema estava com o Sr. Nazareno e que este fora afastado da Chefia do Posto, que tudo estava normal e que garantia a nossa permanência no mesmo.

O Sr. Fermau não quis, de maneira nenhuma, voltar e, preferiu retornar à Pataxó.

DIA 22 (SÁBADO):

Recebo comunicação que viajaremos na Segunda-Feira às 05 hs da manhã, junto com a E.V.S.

DIA 24 (2ª FEIRA):

- 05,00 hs - Partimos de Governador Valadares, com destino ao PI.

- 15,00 hs - Chegamos ao PI; ali fomos encaminhados à casa da sede para morarmos. A casa está em muito mal estado, com paredes rachadas, telhas quebradas. Precisa de uma reforma já que a parede da cozinha ameaça ruir.

DIA 25 (3ª Feira):

Logo cedo vou ao curral ver os animais e fico com pena. O gado está fraco e cheio de bernes e carrapatos. Volto e falo ao Cel., da necessidade urgente de comprar remédios (inclusive, quando estive em G.V., pedi que comprassem carapaticidas e remédios pa

ra quando chegasse pudesse começar a trabalhar). Este ouve e vai embora logo depois e não fala nada sobre os remédios.

DIA 26 (4ª feira):

Vou ao curral para ver seu estado, que é precário. O leite é retirado no tempo e não há limpeza, usando-se latas sujas. Não há separações e necessita-se fazer muitas obras para proteção dos animais e crias.

DIA 27 (5ª FEIRA):

Ajudo minha esposa a trazer do almoxarifado, dezenas de cartilhas que estavam mofando, juntamente com folhetos ilustrativos de lições e levo para casa onde limpamos tudo.

DIA 28 (6ª Feira):

Aviso a todos os índios que tiverem filhos que as aulas começarão seg.feira.

DIA 29 (SÁBADO):

Por volta de 14 hs. começa a se ouvir gritos e logo vem a notícia que estava havendo briga entre elementos da Grin e índios do Pradinho. Já há quem diz haver um ferido grave (talvez morto) e mais outros feridos até aquele momento. Com isto acontecendo e pensar que a coisa poderia chegar até o Pôsto, porque os índios estavam chegando, todos armados com arcos e flechas, facões e paus, mandei que alguém fosse procurar o Sr. Lourenço ou Miguelzinho.

Os parentes dos que estavam feridos (pelas notícias) ora choravam, ora gritavam, em gestos ameaçadores para o rumo da aldeia vizinha ou seja Pradinho.

Na sede só se encontravam eu e minha esposa com quem podia contar com ajuda, já que o Sr. Farid Miguel saiu na sexta-feira, em visita à filha doente e não deixou nem a chave da enfermaria, nem a do escritório onde se encontra o rádio. O jeito foi forçar com a chave da escola que felizmente conseguiu abrir.

O Sr. Lourenço não se encontrava em casa, nem o Miguelzinho. Estes dois eram muito necessários no momento, porque moram muito tempo no PI e conhecem sua língua e costumes, o que nestas horas auxilia para, pelo menos, acalmar os ânimos.

Para completar, o óleo para o gerador estava no fim e como o número de índios todos armados estivesse aumentando, o jeito era pedir orientação à delegacia. Liguei o rádio, mas na 11ª DR ninguém atendeu, estava desligado. Tentei de novo, várias vezes.

5.

À medida que o tempo passava, mais ameaçador o clima se tornava e o jeito foi pedir quem estivesse na escuta me ajudasse a entrar em contato com a delegacia. Felizmente atendeu Brasília e sabendo onde o Cel. se hospeda, por meio desta pude entrar em contato com ele.

Falei rapidamente sobre o que estava ocorrendo, que estava só na sede e que o óleo estava acabando. Ele pediu que eu me mantivesse calmo e que chamasse mais tarde pois veria que providências tomar.

- 16,30 hs - Chega o índio Tintim, trazido por alguns índios. Está coberto de sangue e eu, com minha esposa, o levamos para a enfermaria e procuramos lhe prestar os primeiros socorros. O estado dele se apresenta lastimável. O alto da cabeça quase fora arrancado devido a golpes de facão, no lado esquerdo um furo de flexa, nas costas muitos sinais de pauladas. Procurei na farmácia e só encontrei gaze, algodão, éter e água oxigenada. Era preciso aparar o cabelo na altura do ferimento, mas nem tesoura achei. Mandei buscar a minha e fiz o curativo de emergência, mas era preciso a sua remoção para o hospital devido a seus ferimentos não poderem ser tratados apenas com estes poucos recursos. Nem analgésico encontrei para amenizar um pouco suas dores. Como não há viatura no PI, pedi que fossem a alguns fazendeiros vizinhos para poder levar o ferido, mas estes com desculpas, se esquivaram a atender.

- 18,00 hs - Entrei em contato novamente com a delegacia e sou informado da partida do Cel para o PI.

- 18,30 hs - Começa a escurecer e na sede permanecem muitos índios com mulheres e crianças.

- 19,00 hs - Acaba o óleo e já não posso contar com a ajuda do rádio para qualquer emergência. Chega também o Sr. Lourenço e como está escuro, pedimos que os índios permaneçam no posto, pois, possivelmente, poderia haver algum perigo nos caminhos. Como os índios estão com fome porque estavam há muito tempo na sede, falo com o Sr. Lourenço e apanhamos alguns pacotes de farinha para mingau e em minha casa mando preparar o mingau e todos se alimentam um pouco, o que ajuda a passar a noite em vigília.

DIA 30 (DOMINGO):

Chega o Cel Bloise.

1º descarregou o óleo, foi à casa de máquina ver o gerador, enviou rádio e somente depois é que mandou que conduzissem o ferido para ser medicado em Águas Formosas. Quando a rural chegou de volta de Águas Formosas, o Cel, em Companhia do Sr. Farid e ou-

tros, se dirigiu ao Pradinho onde constatou haver outros feridos.

Quando voltou, apesar de ver tudo o que estava se passando, e se inteirar do ocorrido, o Cel. deu mostras, claramente, de querer acreditar na seriedade da ocorrência, pretendendo desmentir tudo e em não ouvir direito o relato de quem estava presente e sim ouvir os que no momento não estavam e que afirmavam na presença do Cel. que estavam (Lourenço e Miguelzinho), extrovertindo muita coisa com o pretexto de se elevarem e me apresentar como incompetente, medroso e apavorado, que fui incomodar o Cel. por uma bobagem (Miguelzinho) ante tanta hipocrisia, falei ao Cel. que se ele quizesse que acreditasse neles e que eu agi e agiria do mesmo modo visto ao que estava ocorrendo. Se o Cel pensasse melhor, veria que:

1º - Na hora em que o rádio foi passado, se o Sr. Lourenço e Miguelzinho estivessem realmente presentes, teriam dado seu parecer da situação;

2º - o óleo estava no final, se a situação chegasse ao clímax, não iríamos ter auxílio nenhum porque tentamos falar com a 11ª DR e ninguém respondeu, e após várias tentativas, o geito foi pedir auxílio a qualquer rádio que estivesse na escuta, antes que o óleo acabasse.

3º - o ferido ficou mais de 10 horas sem receber medicamentos, esvaindo em sangue. Nenhum fazendeiro das proximidades do PI teve coragem de vir prestar auxílio para remover o ferido, temendo se expor ao perigo.

4º - se não houve nada, se foi um alarme falso, como disse, como se explica haver um ferido com vários cortes de facão na cabeça, uma flechada do lado, abaixo das costelas, as costas cheias de pauladas. Outro ferido com corte de facão que quase lhe decepa o braço e outros feridos com cortes e pauladas que ficaram no Pradinho.

Na hora de sair o cel ainda demonstrou claramente sua contrariedade contra mim. Antes dele se retirar minha esposa pediu que ele olhasse para as crianças que estão passando fome. Pelo menos uma merenda mais reforçada e ele lhe diz que está em período de férias e que se ela se intrometer muito neste assunto, não vai respeitar sua opinião. Mandou que ela assumisse seu posto e iniciasse as aulas na 2ª feira.

- DEZEMBRO DE 1975 -

DIA 1º (2ª Feira):

Os ânimos estão mais ou menos serenos e ninguém comparece às aulas.

DIA 02 (3ª Feira):

É preciso fazer o inventário do gado e começo a reunir todos os documentos e fichas que estão na maior desordem.

DIA 03 (4ª Feira):

Como na escola não aparece nenhum aluno, peço a minha esposa que me ajude na contagem dos animais e vamos ao curral velho onde pouco depois chegam os Srs. Farid, Miguelzinho, Miguel Gil, João e vários índios.

DIA 04 (5ª Feira):

Coloco as fichas em ordem, comprovando a existência dos animais e começo a fazer o inventário.

DIA 05 (6ª Feira):

Continuo a fazer o inventário e minha esposa datilografou. Quando acabo, levo a Machacalis e como não é possível colocar no correio, entrego em mãos do Sr. Nazareno para chegar até G.V..

DIA 06 (SÁBADO):

Cumprindo ordens do Cel, fico no PI. A Ordem é para todos mas só eu estou cumprindo.

DIA 07 (DOMINGO):

Tranquilo, sem novidades.

DIA 08 (2ª Feira):

Passo rádio para o Cel, pedindo remédios, dando as quantidades, uma pistola automática, permissão para se fazer mutirão p/plantar mandioca, uma fita de máquina e permissão para ir receber pagamento. Peço também sal e creoulina.

DIA 09 (3ª Feira):

Recebo rádio informando que até fevereiro não há condição de aquisição de qualquer remédio ou material para animais. Informar do sal enviado. Mutirão negativo. Estará na área 4ª feira-10/12/75 e seu deslocamento será sem nenhum onos para a Funai. Informar porque não encaminhou inventário do gado e semoventes até a presente data. Remeta urgentíssimo.

Vou a Machacalis e como o Sr. Nazareno não pudera remeter o inventário à DR, trago-o de volta.

DIA 10 (4ª Feira):

Chefa ao PI um Cel e um Capitão da Polícia a fim de fazer sindicância sobre o Capitão Pinheiro.

8.

Pelo que ouvi, até agora todos só falam bem dele. Dizem que no seu tempo ninguém passava a fome por que estão passando e que até roupas e sapatos eles tinham e agora andam descalços e maltrapilhos.

DIA 11 (5ª Feira):

Chefa ao PI o Cel Bloise. Não dá nenhuma importância quando lhe entrego o inventário e não fala porque se negou a consentir que se fizesse um mutirão. Alguns fazendeiros a meu pedido, tinham doado as ramas, era só buscá-las e este plantio seria um incentivo para os índios que mostrariam que querem trabalhar. Depois de comprar colares de alguns índios (negou-se a comprar colar do Capitão Júlio e comenta-se que o Sr. Lourenço intrigou o capitão com o Cel). Com isto o Cel. ficou numa situação delicada perante os índios.

Esta compra de colares que ele faz, é a pequena ajuda monetária que a Funai dá aos índios. O dinheiro não é do seu bolso e por saber que os índios estão comendo jaca como único alimento, não ajudou ao capitão Júlio que tem 10 filhos e também preferiu dar ouvidos a um branco contra o índio e que este branco há muito está caindo no descontentamento dos índios devido à sua falsidade.

Antes de sair o Cel recomenda ao Farid que não deixe ninguém mecher na enfermaria (frisa bem: só ele que é enfermeiro). Como minha esposa estivesse um pouco afastada, ouviu claramente e quando me comunicou isto, compreendi que esta recomendação era indireta a mim porque no dia da briga, quando o índio Tintim se feriu, tive que forçar a porta da enfermaria, pois não tinha outro jeito e para fazer os curativos e procurar o necessário, mechi na farmácia, inclusive para procurar um sedativo que não achei. Foi apenas nesta hora, que toquei na enfermaria.

Naturalmente, houve muita conversa intrigante quando eles foram ao Pradinho. Razão esta porque não me deixaram ir junto com eles.

Com certeza, isto se deve ao fato do Sr. Farid Miguel estar enciumado porque os índios presentes no dia da briga, ficaram muito gratos a mim e meus amigos.

Como sou prevenido com relação à saúde de minha família, tenho sempre remédios para desintéria, febre, inclusive mercúrio o que na farmácia do PI não tem e ainda por cima há a má vontade do enfermeiro em atender aos doentes que ficam várias horas aguardando sua chegada, já que não cumpre regularmente o horário. Seu atendimento deve se estender à zona rural, além dos índios e o

pessoal anda muitos quilômetros e quando chegam aqui, ou não encontram ou são atendidos de má vontade. Visto isto, tiro dos meus remédios e dou um pouco a cada um.

DIA 12 (6ª Feira): Normal

DIA 13 (SÁBADO):

Outro exemplo da irregularidade do Sr. Farid.

Chegam ao PI duas mulheres, uma com criança de colo e outra com um menino de mais ou menos 10 anos. Este último está com um berne na base do crânio. Está tão grande que mais parece um ovo. O menino tem os olhos febris e sua mãe diz que tem dois dias que ele não dorme. Moram longe e tem chovido muito. Como a criança não aguentasse mais, enfrentou o mau tempo e transpôs 6 léguas no lombo do animal para chegar ao PI e depois de muito esperar em minha casa, o Farid chegou e apesar de ficar sabendo da longa caminhada dos dois, negou-se a atendê-los dizendo ser sábado. Ficamos chocados com sua atitude demonstrando falta de humanidade e ele mesmo, percebendo isto, chamou a mulher e deu um pouco de pomada e uma injeção e foi embora. A coitada ficou sem saber o que fazer, pois qualquer ignorante veria que o tumor teria que ser rasgado e ela morando no mato, quem iria aplicar a injeção.

Se compadecer dos outros é pecado, que Deus me castigue, mas ao ver que o Farid virara as costas ao sofrimento dos outros, negando-se a cumprir seu dever porque era sábado, mandei colocar seringa e agulha para ferver e colocar água morna numa bacia. Feito isto, lavei bem lavada a cabeça do menino e desinfetei uma tesourinha. Enquanto a mãe segurava o menino, abri o ferimento e espremendo, retirei todo o berne e pús que continha lá dentro. Depois limpei bem o local, fiz curativo com a pomada e logo após, apliquei a injeção.

Depois de descansar um pouco mandei dar alimentação aos dois e meia hora depois partiam, indo a criança sorrindo, já livre das dores que estava sentindo.

DIA 14 (DOMINGO):

Logo pela manhã chega o Sr. Farid que indaga sobre os índios Edvaldo e Zé Lindo que saíram montados num cavado da sede, indo p/ Santa Helena. Seu intuito é dar a entender querer me enredar junto à delegacia, porque este cavalo (eu mesmo mandei que o mantivessem preso por estar com o lombo machucado) é para ficar de reserva no PI, para alguma urgência.

Ao saber que eu desconhecia esta saíde, o Sr. Farid procura culpar o Zé (filho do Adolfo), mas este estava no PI e aí falou ser o Zé Lindo.

Creio que o enfermeiro queria me colocar paralelo à sua falta, com medo que eu falasse alguma coisa e que ele fique diminuindo perante os índios, os quais diz que ama, mas não tira o revólver da cintura. Mesmo assim quando os índios chegam, eu os chamo a atenção.

DIA 15 (2ª Feira):

Chove muito, não há condições nem de se tirar leite por que no curral não existe cobertura para abrigo.

DIA 16 (3ª Feira):

Ainda chove muito.

DIA 17 (4ª Feira):

Recebo o Seguinte rádio:

De GV/H2/nº 46/Pl 70/DI-17/12/75 - FARID-MIGUEL nº 639/11ª DR 17/12/75.

Solicito fineza informar neste horário, razão pelas quais o Sr. Onofre assinou 18 termos de baixa de gado no período de 19 dias de estar no PI. aguardo vosso pronunciamento, caso seja necessário abrir sindicância. SDS Cel Bloise - Del. Reg. 11ª DR.

DIA 18 (5ª Feira):

Mando resposta de rádio de Machacalis a 11ª DR.

GV. 18/12/75/ Pl40/nº 18/nº64/ H.14.

Ao delegado da 11ª DR cel Bloise.

Em resposta rádio dirigido a O.A. Souza por ter assinado 18 termos de baixa de gado, motivo ter assinado foi seguindo informações do vaqueiro, João, visto ser ele a única pessoa adequada a informar sobre o gado. Quando fui fazer inventário sobre o gado, foram encontradas estas baixas.

DIA 19 (6ª Feira): -

DIA 20 (SÁBADO):

Lamentavelmente acontece outro fato para confirmar a irregularidade em que se encontra no Pôsto. O horário do enfermeiro abrir a enfermaria é 7 horas. Tem dias em que ele só aparece às 11 horas, para o rádio e vai embora. Neste sábado, chega o índio Tiago com o braço ferido, pois caiu em cima do Machado. O corte é

no braço, grande e feio, sangra muito e há horas que espera o enfermeiro e este não chega. O Cap. Júlio já nervoso com a demora e vendo que o índio já tinha perdido muito sangue, traz o ferido até minha casa, onde limpei o ferimento, passei mercúrio e na falta de gáze, cortei uma fralda de minha filha e enrolei o ferimento. Como o Tiago se encontrasse muito fraco, dei a ele um copo de leite quente e o fiz deitar numa das camas disponíveis da casa.

Ja era tarde quando o Farid chegou e eu o fiz ciente do fato. Ele apenas olhou o ferido e ao passar o rádio, declarou à delegacia sobre o fato e disse que tinha tomado todas as providências, dando a entender que ele tratara do ferido.

DIA 21 (DOMINGO):

Vou à casa do índio pataxó. No meio do caminho encontro com o enfermeiro e o Lourenço que se dirigem para a Europa, atender a um civilizado mordido decobra. Como ia com minha família, prosseguimos viagem para a casa do Herculano.

Este é um dos poucos índios que trabalham. Além da plantação de cacau e café, tem sua plantação de milho e feijão. Seu filho Damião compra porcos, mata e vende a carne, ganhando pequeno lucro. Cuida também de carneiros nossos (em nº de 2), que ganhei de um fazendeiro chamado (este se tornou meu amigo por eu o ter orientado sobre uns negócios de terras que ele ia fazer e que teria grande prejuízo. Sendo analfabeto, não tinha idéia da extensão do que ia negociar e por isso ficou agradecido e me deu os carneiros de presente. A casa do Herculano é bem arrumadinha e vê-se que ali todos lutam. Quando voltamos, notei que na cozinha de minha casa retiraram um tijolo de perto da janela e entraram. Comeram uma panela de arroz cozido, espalhando restos pelo chão.

Quando começa a escurecer, ouvimos o barulho de índios chegando bêbados de Santa Helena. Felizmente, vão para suas aldeias e não nos molestam.

DIA 22 (2ª Feira):

Aparecem muitos índios do Pradinho querendo confirmação se vai matar os bois e afirmando que não querem que se dê aos que ganharam anteriormente para a festa religiosa. Esclareço que o capitão da aldeia é quem dividirá a carne. Eu e o Lourenço apenas mataremos e dividiremos os bois em partes e as entregaremos aos capitães.

Fico sabendo que apenas hoje o índio Tiago tinha sido medicado. Queimara de febre o domingo todo e o enfermeiro lá não apareceu.

DIA 23 (3ª Feira):

Matamos os bois e os capitães se encarregam de distribuir a carne.

DIA 24 (4ª Feira):

Véspera de Natal. Tudo muito calmo, calmo demais, Não aparece nenhum índio na sede.

DIA 25 (5ª Feira):

Natal. Tudo calmo.

DIA 26 (6ª Feira):

Tudo normal.

DIA 27 (SÁBADO):

Fico sabendo que dois elementos da Grim (Tintim e Carmi no) foram à casa do Herculano Pataxó e lhe roubaram o cavalo. Quando o Carmino chega com o cavalo, pergunto-lhe porque fizera aquilo' ao que me responde que os índios querem expulsar os pataxós e os crenac de suas terras e não devolverá o cavalo.

Vou conversar com o Lourenço para tomar alguma providência, mas fico sabendo que o Cel. está no Rio de Janeiro. Estranho' também o fato de não aparecer ninguém dos pataxós para reclamar o cavalo.

Fico sabendo que alguns índios foram à roça do Afrânio' e devastaram tudo, o que não puderam roubar, destruíram.

Querem expulsar o Nenê e pegarem sua criação de éguas e seu feijão. Quanto às éguas, muitas estão para parir e se eles as roubarem, morrerão já que não têm cuidado com nada. Maltratam os animais e chegam a furar os olhos e flancos dos coitados com facões. Os animais vivem cheios de bernes e bicheiras (carrapatos, nem se fala) e nem ligam.

DIA 28 (DOMINGO):

Vou à Santa Helena comprar víveres e volto em Cia. do Nazareno que vem ao PI para passar o cargo, já que foi transferido.

À tarde há jogo de futebol e muitos índios estão bêbados. Daqui da sede ouve-se a briga na aldeia próxima.

Estão começando os atritos devido à embriaguez e os roubos entre índios que plantam suas roças e os outros vão lá e furtam tudo. Os fazendeiros estão se queixando que os índios após o Natal, abateram reses suas e que estão entrando na fazenda da D. Maria Baiana e lhe roubando descaradamente em pleno dia e soltando animais no

meio da plantação, destruindo seu mandiocal. Estão desesperados porque vivem da fabricação de farinha e com isto estão tendo graves prejuízos.

Alguns índios também assaltaram um alambique nas proximidades do PI, levando grande quantidade de cachaça.

Estes problemas todos estão acontecendo e vão piorando cada vez mais, pois agora são elementos da Grim que estão encabeçando as arruaças e se o Cel não tomar as devidas providências, o que só é possível, colocando uma cadeia e dissolvendo esta Grim, pois em vez de policiar, está praticamente andando atoa por aí. Se dois ou tres fazem alguma coisa, o resto não faz nada. Toda vez que o Cel. Bloise vem ao PI, traz dinheiro para eles. Se vier 3 vezes por semana, todas as 3vezes traz dinheiro, e com isto, os outros índios estão se revoltando, pois estão vendo que os outros não fazem nada e recebem dinheiro e eles que estão famintos não recebem nada. Muitos já falaram que não trabalham e não deixam as crianças virem à escola porque não têm roupas nem alimentos. Estudar e trabalhar de enxada, com fome, ninguém consegue.

Todos sabem que os machacalis são belicosos e como todos os índios, não gostam de trabalhar. Não têm onde caçar nem pescar. Se meia dúzia planta alguma coisa, outra dúzia entra em sua roça e pega tudo. Não tendo alimento nem assistência, estão se revoltando.

Muitos elogiam o Capitão Pinheiro, dizendo que ele, quando era Chefe, montou uma mercearia e em troca de colares, flexas e trabalho, dava alimento e roupas, não tendo os índios, necessidade de roubar.

DIA 29 (2ª Feira):

Pela manhã, continuam os comentários sobre os roubos que os índios estão cometendo nas fazendas vizinhas. Chega à minha casa o Damião, filho de Herculano. Este vem com fisionomia assustada e me pede que vá até sua casa porque seu pai quer me falar.

Relata sobre o roubo do seu cavalo dizendo que o índio Carmino o advertiu que irão pegar sua roça também.

Indo à casa do Pataxó, passo pela casa do Nenê e vejo os índios apanhando sua plantação de feijão. É de se fazer pena, ver o desespero em que ele se encontra sem poder fazer nada. A Polícia da Grim não faz nada, visto serem eles os primeiros a encabeçar os roubos. É preciso, urgentemente, tomar-se uma providência. Há comentários que algumas pessoas estão insuflando os índios, pois não querem a melhoria dos índios e sim a sua dizimação, entregando assim as terras a fazendeiros ou outro sabido qualquer que visa

grande lucro com isto. Ficamos sabendo que algumas pessoas andam fornecendo cachaça aos índios e nada lhes acontece.

Quando acontece alguma coisa, certas pessoas aqui do PI distorcem os fatos, passando por bons, sendo que na realidade são eles os causadores de muitas coisas que os índios cometem, instigando-os a cometerem roubos e maldades, talvez com promessas que nunca cumprirão, pois no fundo, querem é ver os índios pelas costas. Estes ingênuos estão fazendo seu jogo. Quando os casos vêm à tona, eles tiram o corpo fora e a culpa recai sobre os índios. Como estou percebendo as coisas e estudando os detalhes das pequenas coisas, não querem que os índios façam amizade comigo e estão procurando jogar aqueles que se aproximam de mim com os maus elementos e contam com a ajuda da delegacia, pois o Cel. Bloise ouve a eles e não a mim.

Quando vim de Brasília, trouxe uma carta do Cel. Joel que pedia ao Cel Bloise que me desse todo apoio para trabalhar e cuidar do gado, e não estou tendo nenhum apoio. Até minha demissão ele quiz dar mas não conseguiu, o que o fez ficar mais aborrecido e não quer me ajudar em nada, respondendo a tudo com negativas ou procurando nas pequenas coisas demonstrar falhas que se ele tivesse outro modo de pensar, veria que estou procurando fazer mais do que se é possível fazer. Os próprios índios estão se mostrando meus amigos porque estão vendo a boa vontade que tenho para com eles, procurando ouvi-los, ajudá-los em alguns problemas, incentivando-os a pequenos trabalhos em que só eles tirarão proveito. Eles sentem que não quero prejudicá-los e sim ajudá-los e isto irrita aos que querem destruí-los, tirando proveito com isso.

DIA 30 (3ª Feira):

Fui com minha família ao casamento da irmã do Nazareno.

Lá todos os fazendeiros presentes comentam os roubos constantes e dizem que não vão plantar nada para não serem roubados.

Isto será o início de uma grande crise que só temos a lamentar os resultados.

DIA 31 (4ª Feira):

Véspera de Ano Novo. No PI tudo aparentemente calmo.

- 1.976 -- JANEIRO DE 1976 -

DIA 1º (5ª Feira):

Começa o Ano Novo. Que Deus nos dê sempre muita paz e alegria e que nos ajude e proteja em todas as nossas ações.

DIA 2 (6ª Feira): Tudo Normal.

DIA 3 (SÁBADO):

Durante quase todo o dia, vários índios procuram o enfermeiro, pois tem um índio passando mal, mas o Faride desde quinta feira não está no PI. Já noite chega a minha casa o índio Batati - nha dizendo que sua mulher dera à luz e que estava passando mal. Eu e minha esposa o acompanhamos até sua cabana, onde pudemos ajudar em pequenas coisas, cuidando da criança e ajudando a diminuir a hemorragia que estava muito forte.

Sabendo que vou a Governador Valadares, os índios Zé Lindo e Zézinho comunicam que querem ir junto e não puderam pedir permissão porque o Farid não está e é ele que passa rádio e está mandando em tudo.

DIA 04 (DOMINGO):

Calmo, sem novidades.

DIA 05 (2ª Feira):

Logo ao amanhecer saio em viagem, em companhia dos índios que querem ir junto e vamos a pé até Santa Helena. Quando chegamos a Machacalis, encontro com o Farid e o Miguelzinho.

DIA 06 (3ª Feira):

Quando chego a Gov. Valadares, o Cel. já sabia que em vim com dois índios, pois o Farid passou rádio denunciando que em havia saído com os dois índios sob responsabilidade minha. O Cel me trata de tal modo que cheguei quase a chorar para me controlar e não fazer alguma besteira. Ele chegou até a me demitir e depois reconsiderou sua decisão. Pediu que eu falasse tudo o que estava passando no posto e quando falei das sujeiras e displicências do Farid ele falou que estava a par de tudo. Falei-lhe também que tinha dado uma volta e vi muitas toras de madeira cortadas e que poderiam ser transportadas para o PI para serrar. Falei-lhe que tem uma vaca com o útero para fora e que é melhor sacrificá-la e distribuí-la com os índios e ele concorda.

Os dois índios também aproveitam para falar o que o Fa-

rid anda fazendo, inclusive que anda vendendo remédio dos índios aos civilizados. Recebo meu salário e faço as compras do mês e o Cel. se oferece para levá-las já que irá ao PI na sexta-feira e que irá sem avisar para pegar o Farid em flagrante.

DIA 07 (4ª Feira):

Chego ao PI já de noite em Cia dos dois índios que vêm tristes e com raiva pois não puderam vender seus colares.

DIA 08 (5ª Feira):

Quando o Farid chega, lhe entrego memorando comunicando que o Cel Aceitara matar a vaca.

Ao contrário do que ele esperava, trata-o normalmente, não demonstrando reação nenhuma ao que ele me fizera, o que lhe causa decepção, pois creio que ele esperava que eu o fosse pedir alguma satisfação. Perguntou, puxou conversa indagando como fui recebido, e enquanto, por dentro, minha vontade era amassar-lhe a cara, sorri dizendo que fui muito bem recebido, principalmente pelo Cel. Bloise.

DIA 09 (6ª Feira):

Logo pela manhã, chegam aqui em casa o Lourenço e Miguelzinho em Cia. de alguns índios. Enquanto conversam, chega o fazendeiro Severiano para fazer queixa do roubo de várias reses. Conversa longamente esperando o Farid que agora é o novo Chefe do PI, e quando este chega, entram para o escritório e não sei o que se passou lá dentro. Só sei que mais tarde o Farid vem até a minha casa falando irritado que o fazendeiro fez a queixa e não quis assinar e deste jeito ele não ia nem ligar. Se o fazendeiro quizesse que se queixasse ao Cel. Ele não ia registrar nada.

(Aqui pra nós, uma queixa de roubo, queira ou não, teria que ser registrada. Se o homem veio acusar o índio, teria que manter a acusação. Caso ele se negasse a assinar, a acusação estava feita e forçosamente teria o chefe do PI que tomar uma providência, ou contra ou a favor do índio e não passar por cima dos fatos).

Antes do Farid se retirar, fala que o Cel. na quinta-feira dera ordem para suspender o sacrifício da vaca e que deixasse o animal morrer, para não haver briga.

Isto contrariou tudo porque o Cel. permitira matar o animal e depois voltou atrás.

Quando passa o rádio, falo com o Cel. e fico sabendo que fora o Farid quem pedira para não matar a vaca com medo de brigas. Falo que não há perigo e ele concorda.

Antes de desligar o Cel me pergunta se aceito oferta para transferência para Mato Grosso (9ª DR). É um choque decepcionante. Não sei o que houve e fiquei triste pois aqui há muitas coisas a se fazer se ele me der apoio, mas como não conto com isto, será até um benefício esta transferência, pois não continuarei neste antro de falsidade e podridão onde sob uma máscara de riso de esconde uma víbora venenosa, ambiciosa que maquinou a derrubada de outras pessoas, visando ter o comando em suas mãos sujas que tirando as pedras do seu caminho, aproveitará a ignorância dos índios para tirar o que possuem para colocar em mãos alheias. Agora sei, por conclusão que o Farid não trabalha sozinho. Há outras pessoas e grandes que o devem proteger.

Às 14 horas respondo ao Cel que "Se a Funai se comprometer a arcar com as despesas de passagens e mudança, aceito transferência para Mato Grosso. Lá sei que poderei ser útil e bem aceito.

No momento não tenho condição financeira para viajar por conta própria, pois minha mudança está em G.V. e ainda não pude retirá-la da estação".

O Cel pede que aguarde resposta.

DIA 10 (SÁBADO) -

O Lourenço mata a vaca e se retira. O Farid chega quando esta está acabando de morrer e enquanto está sendo esfolada, passa o rádio e cai fora. Após esartejado, peço que levem a carne para a oficina onde os índios se reúnem. Só o Miguelzinho ficou lá dentro comigo, mas como começou a ter atrito com os índios, estes mandaram que ele se retirasse. Após sua saída, fiquei só com os índios e a ordem foi completamente imposta.

A carne foi distribuída ficando todos satisfeitos, com exceção da índia Isabel que querendo filé, jogou fora sua porção, dizendo não querer "muxiba". Assim que ela jogou a carne fora, outras índias imediatamente a apanharam.

- 23,30 hs - Bate à minha porta o Damião. Fala que é a quarta vez que vem à procura do Farid e não o encontra. Desde a tarde a filha do índio Nenê encontra-se com hemorragia no nariz. Já perdera muito sangue e temem que se agrave seu estado. Não tenho nada em casa que sirva e peço que ele vá até o Lourenço. Talvez ele saiba onde o Farid vai todas as noites e só volta no dia seguinte. Se não puder encontrá-lo o jeito é levantar a cabeça da menina para estancar o sangue. Não posso ir até lá pois se houver alguma complicação o Farid poderá querer tirar partido disto, já que com sua falsidade, poderá distorcer todos os fatos.

DIA 11 (DOMINGO):

São quase dez horas quando vem até aqui em casa o Sr. Nazareno. Quando relatamos o que se passara à noite, ele falou que o Farid não estava em casa desde a tarde e que até aquela hora, ainda não tinha voltado.

À tarde vou à casa do Nenê em Cia do Zé Lindo entregar a égua que tinha comprado e que em vias de ser transferido não poderia manter a compra e também saber o estado da menina.

Chegando lá, a menina continuava passando mal e como não tinham remédio e nem contar com o enfermeiro, estavam apelando para rezador.

Lá se encontravam várias pessoas e comentaram o assunto de todas as rodas; as sujeitas e os roubos que estão se passando. Falaram que não é novidade o roubo de madeira e gado e que há muitas pessoas envolvidas. Quando voltamos, encontramos com muitos índios bêbados que vem da Europa. Vêm gritando e para evitar alguma coisa, nos escondemos até que passassem.

DIA 12 (2ª Feira):

São quase oito e meia quando vejo o Farid chegando à sua casa na caminhonete do Baim. Aqui na sede, desde cedo se encontram muitas pessoas para se "consultar". Só mais tarde é que chega o carro do Baim, trazendo o Farid e uma geladeira que estava na casa do Nazareno.

Algumas pessoas que estavam esperando o Farid vieram até minha casa beber água e disseram à minha esposa que iam embora porque o Farid não ia atendê-las porque estava muito ocupado.

Soube também que o Baim ia registrar queixa dos índios que no domingo foram embriagados até sua casa e desacataram seus empregados e pelo visto a coisa foi feia, porque o Farid me disse que iria na terça-feira a Machacalis para registrar a queixa.

DIA 13 (3ª Feira):

Vou a Santa Helena para comprar arroz e outras coisas de necessidade porque o Cel disse que quando viesse traria minhas compras e como está demorando a chegar não posso ficar com as coisas faltando. Quando chego a Santa Helena, vejo um índio quase bêbado e ainda com a garrafa na mão, o que mostra que os índios continuam bebendo desavergonhadamente na frente até dos policiais e nada se faz para prender os que lhes fornecem bebidas. Falando com alguns policiais, estes disseram não tomar providências porque o Cel não lhes dá atenção e nem mesmo fala com eles. Falando com pessoas idôneas, estas falaram a respeito do roubo de madeira que se está veri

ficando na floresta do PI e que os receptadores são uns tais de Sebastião Tito e Zizinho e este corte está se processando com a anuência de alguns índios.

Falaram que todos comentam este assunto e que a qualquer hora a bomba estoura.

Quando regresso, minha esposa me conta que estiveram no PI vários padres, freiras e alguns rapazes e moças. Como ela se encontrava só na sede (o Sr. Farid estava p/Machacalis) falou-lhe da proibição em se visitar as aldeias e estes disseram que encontraram com o Sr. Farid em Machacalis e este lhes dera permissão. Ante esta afirmação, ela nada poderia fazer e pediu a um índio (Edvaldo) que acompanhasse os mesmos. Pelo visto também tiraram fotografias além de comprarem vários objetos na aldeia do Micael.

Disse que quando o Farid chegou, procurou saber se realmente os padres estiveram aqui e ela falou da sua permissão. Ele ficou irritado e disse que não gostava de padres pois além de sem-vergonhas são mentirosos porque quando esteve com eles, estes lhe perguntaram apenas o caminho para uma cidade aqui perto e que não lhes dera permissão alguma.

Parece que alguma coisa aí não está certo porque minha esposa disse que os padres foram firmes em afirmar a permissão e que um deles disse que já estivera aqui anteriormente, inclusive perguntou pelo Sr. Nazareno, ao que ela afirmou ser o Farid o novo Chefe.

DIA 14 (4ª Feira):

Hoje, por milagre, o Farid chegou às Oito horas aqui na sede. Será que deu formiga em sua cama ou a corda está começando a ser puxada.

Minha esposa vai fazer uma limpeza na escola porque a sujeira é total. Dia sim, dia não ela varre e limpa, mas os índios abrem as janelas, entram e sujam tudo. Hoje, além de caroços de jaca, colocaram ~~capim~~ nas gavetas da mesa. É preciso urgentemente colocar janelas e ela está lutando para isto. Os alunos que começaram o curso já avisaram que seg. feira começarão a vir às aulas e o nº está aumentando.

Tenho notícia pelo Sr. Lourenço, que o reprodutor que estava desaparecido está aqui mesmo no PI. O João vaqueiro disse que andou o dia todo atrás do boi e não o encontrou. Eu hoje ia procurá-lo mas felizmente apareceu. À tarde, quando Farid vai passar rádio e com o Nazareno também vamos ouvir (o que está deixando o Farid um pouco nervoso. Ele, se pudesse, não deixaria a gente nem entrar no escritório. Antes ele se opunha, mas agora espero

resposta quanto à minha transferência e o Nazareno também e por isso ele terá que aguentar nossa presença. Ele sabe que estamos também vigiando-o para evitar continuar com as suas falsidades e delações, e as besteiras que ele fala denotam ser um cara semi-analfabeto, desconhecendo quase totalmente o português. Creio que se for fazer uma averiguação, nem para enfermeiro ele serve, porque já vimos ele dar um remédio para outra causa, o que muitos índios já notaram que ele dá o mesmo remédio para vários males. (O índio nenem nos mostrou a injeção que ele lhe dera para estancar hemorragia e esta era de Vitamina B12. Esta iria servir porque a hemorragia da menina já tinha parado no domingo e como esta perdera muito sangue, precisaria mesmo de vitamina).

DIA 15 (5ª Feira):

Tudo corre normalmente, sem novidades.

DIA 16 (6ª Feira):

A normalidade de ontem se explica. Muitos índios saíram do Posto sem permissão e foram para outros lugares. O Cel. foi comunicado e quer saber quem são eles. Creio que terá de chamar a atenção de todos pois não estou vendo índios aqui no PI.

Quando pela manhã fui na mercearia do Onofre, fiquei sabendo que o índio Randon entrara na fazenda do Sr. Geraldo Botelho e lhe roubou um carneiro e mandioca, juntamente com o índio Tintim. É uma vergonha que ainda exista esta mistificação de Grim, se são eles que estão praticando toda a sorte de roubos.

DIA 17 (SÁBADO):

Como sempre, desde manhã não se vê o Farid. Uma índia o procura com um menino passando mal e não o encontra. À tarde vamos à casa do Sr. Lourenço rezer um terço em promessa para sua filha melhorar de suas perturbações mentais.

DIA 18 (DOMINGO):

Tudo Normal.

DIA 19 (2ª FEIRA):

Recebo rádio comunicando se eu fizera alguma compra de a ves em G.V., pedindo confirmação. À tarde quando vou à casa do Lourenço para rezer o terço, encontro com um fazendeiro chamado Evaldo. Este fora comunicar ao Lourenço que alguns índios embriagados tentaram entrar em sua casa e molestar sua família e que uma índia lhe roubou o alforge com remédios e gêneros alimentícios. Ficamos sabendo que os índios voltaram todos embriagados e quando estão assim,

não respeitam quase ninguém.

DIA 20 (3ª Feira):

Não se vê índio nenhum aqui na sede. O Farid só vem passar o rádio e vai embora.

À tarde, vem novamente e desta vez em cia. do Sr. Miguel Gil. Pássea o rádio e vai embora. É de se notar a proteção com que está cercado o Miguel Gil. O seu trabalho é na serraria, o que não ocorre. Quando ele está aqui, fica quase o dia todo no escritório. Quase toda sexta-feira ele se manda e nesta semana só voltou na terça-feira e nem na serraria foi.

DIA 21 (4ª Feira):

Vem à minha casa o índio Damião relatando que os alunos não têm vindo à aula com medo de alguma represália por parte dos índios que estão praticando os roubos. A maioria das crianças têm que passar por um longo trecho de mata fechada e temem que sofram algum atentado, principalmente as mocinhas.

DIA 22 (5ª Feira):

Logo pela manhã, chega à sede a mulher do Afrânio dando denúncia que os índios Odílio, Tintin e Jaime entraram em sua casa e roubaram na cozinha todo o feijão que tinham, cerca de meio saco e não satisfeitos foram ao quintal e apanharam todas as galinhas. Falaram que a ordem era apanhar tudo o que tivessem e se reagissem, tocavam fogo na casa.

Parece que o Sr. Farid registrou a queixa.

Pelo rádio somos avisados da chegada do Cel. ao PI.

É de se admirar a alegria do Farid. Ele faz a faxina da enfermaria lavando tudo e cantando a plenos pulmões. São quase quatro horas, quando chega o Cel em cia dos Srs. Ivan Branco e Rômulo.

A frieza com que trata tanto a mim como minha esposa é de se notar.

Ele trouxe bastante remédio para os índios e as compras que fiz em G. Valadares quando lá estive. Após descarregar os remédios ele dá ordem para que a rural leve minhas compras até à porte de casa com isso minha esposa aproveitou para se retirar para não demonstrar a revolta que estava sentindo com aquela humilhação.

Eu ainda permaneci e me ofereci para ajudar em alguma coisa, mas o Cel não deixou que eu tocasse em nada.

Com isso, me retirei e fui ajudar minha esposa a arrumar as compras na despensa.

Um pouco mais tarde o Branco pediu que eu o ajudasse a lavar a rural e fomos até um riacho próximo à sede.

Quase todos notaram o tratamento humilhante do Cel para comigo, mas, apesar de estar revoltado, controlei-me ao máximo, não demonstrando a mínima importância; até o convidei para jantar em minha casa, juntamente com os outros, no que aceitaram para meu prazer, apenas o Ivan e o Branco.

Aproveitei para colocar o Ivan a par de tudo o que está se passando no Posto, inclusive lhe dei este diário para que lesse e ficasse ciente de muitas coisas.

Falei das tantas culpas que caíram sobre o Sr. Nazareno que à vista de todos está passando por culpado e que para nós que estamos sabendo de tudo o que passou e está passando, este não passa de uma vítima que se viu sozinho, cercado de falsidade e influido pelo maior culpado que ambicionava conquistar a chefia do Posto. Omitiu muitas coisas pensando que com isto estava ajudando aos índios, mas sem o saber, suas ações eram interpretadas falsamente e denunciadas com o único propósito de afastá-lo da Chefia do Posto. Conseguindo isto, o plano continuou atemorizando o novo chefe substituto Sr. Fermaul.

O Farid só não contou com as duas pedras que apareceram em seu caminho. Primeiramente quis atemorizá-las e não conseguindo isto, procurou fazê-las cair na desgraça do Cel., fazendo denúncias falsas e procurando jogar os índios contra elas.

No seu audacioso plano, só conseguiu a aderência do Cel, pois quanto aos índios, estes se tornaram meus amigos e aos outros colegas, estes mais se aproximaram de mim e viram que a falsidade que o Farid me fez só poderia abrir seus olhos quanto à sua pessoa e lastimar a enganosa amizade.

DIA 23 (6ª Feira):

Apesar de o Cel não querer que eu ajude em nada, fui ao curral para ver a recontagem do gado, o que foi feito de maneira errada. Muitos animais passaram juntos e muitos pularam a cerca do curral colocando em risco a vida de muitos que estavam lá para ver. Para ajudar, havia os gritos do Cel. esbravejando contra tudo e todos, dizendo que na Funai só tem ladrão, esquecendo que ele pertence à Funai.

Quando voltam, é feito o inventário do material do Posto e dá pena se ver tanto material caro e estragado por falta de zelo. Máquinas caras e estragadas.

À tarde vem o Sr. Nazareno mostrar a carta que o Cel. lhe enviou. As palavras ali contidas arrasam com o moral de qual -

quer um.

A culpa cabível ao Nazareno é por ele ser ingênuo e não ter esclarecimento das malícias do mundo. Se ele fosse um sujeito que tivesse vivido numa grande metrópole, que tivesse conhecimento de muitas coisas, ele não teria se deixado envolver facilmente nos planos que visavam sua derrubada. É de se lamentar ver um homem no seu estado de depressão.

DIA 24 (SÁBADO):

Logo pela manhã o Cel vai embora e faço questão de estar presente para me despedir. Como minha esposa não procurou se aproximar desde a sua chegada, quando não recebeu nenhuma cordialidade, o Cel. deve ter notado isto e pediu que eu lhe desse suas lembranças e que eu ajudasse o Farid. Quase lhe respondi: "Como, se ele me tirou toda a ação?". Fiquei calado.

À tarde o Farid vem me procurar e pede que eu o ajude. Quer que o ajude na enfermaria e fui logo dizendo que faxina eu não faço. Ele quer que eu trate dos doentes, fazendo curativos, aplicando injeções, inclusive se ofereceu de trazer para minha casa alguns medicamentos para socorro rápido. Pediu que minha esposa também o ajude no escritório. Chegou à conclusão que o Miguel Gil é analfabeto e não pode trabalhar no escritório. seu lugar agora será na serraria.

Aproveito para comunicar que amanhã vou a Machacalis.

DIA 25 (DOMINGO):

Vou a Machacalis e encontro com o Capitão Pinheiro. Graças a Deus, ele está ao par de tudo o que aqui se passa. Agora, mais do que nunca, terei força para lutar e esperar para ver a justiça vencer, acabando com todas as sujeiras que vêm acontecendo neste PI, sob os olhos complacentes do Cel. Bloise.

DIA 26 (2ª Feira):

Pela manhã eu e o Miguelzinho vamos pegar arame para fazer uma manga.

Por volta do meio dia vem à minha casa o Herculano Pataxó para comunicar que seu filho foi embora para Pataxó. Quando o Farid chegou, eu lhe comuniquei o fato, o que ele quando passou o rádio, comunicou à delegacia, visto o Damião ter saído sem seu conhecimento.

Estou notando desde cedo a diferença que se operou no Adolfo e seu pessoal. Antes brincavam comigo e conversavam e depois desta visita do Cel. estão muito mudados. Não sei o que se passou, mas tenho certeza que o Cel. os jogou contra mil e lhes deve ter

prometido alguma coisa. Quando vinha para cá, alguns na DR me avisaram sobre esta família, inclusive para ter cuidado e agora vejo que os avisos têm fundamento. Quando o Alaide se ofereceu para ajudar minha esposa, foi para saber tudo o que se passava dentro de minha casa. Ainda bem que notamos, a tempo, e a afastamos de dentro de casa. Com esta visita do Cel., esqueceram os inúmeros favores que lhes fizemos.

DIA 27 (3ª FEIRA):

Hoje apareceram alguns alunos e minha esposa ficou contente em poder dar aula. À tarde o índio Edvaldo, genro do Adolfo, toca fogo no capim existente ao redor da sede, queimando quase toda a pastagem e se não juntássemos e, o Farid, Miguel Gil, Lourenço, Miguelzinho e Serafim para fazer um aceiro, o fogo teria chegado até a serraria e queimado tudo.

Como o Cel. Bloise, quando aqui chegou e soube que os índios estavam tocando fogo na mata, falou que eles estavam queimando o que é deles, hoje o fogo intensificou. Por todos os lados se vêem linguas de fogo, destruindo a mata e acabando com a pouca reserva de caça que ainda possa existir.

DIA 28 (4ª Feira):

Hoje eu e o Miguelzinho arrancamos os moirões para fazer a cerca para separar o gado.

DIA 29 (5ª Feira):

Hoje acabamos a cerca e assentamos a porteira.

DIA 30 (6ª Feira):

Hoje o Farid foi para Águas Formosas e o Miguel Gil também se mandou para Machacalis e como sempre só voltará na terça-feira.

DIA 31 (SÁBADO): Normal

- FEVEREIRO DE 1976 -

DIA 1º (DOMINGO):

Vou à Machacalis fazer uma compras. Como vou a pé, não dá tempo de voltar; vou à casa do Nazareno onde passo a noite, chegando ao PI bem cedinho.

DIA 02 (2ª Feira):

Só hoje o Farid aparece. Disse que voltaria no sábado, mas hoje é que está devolta e por milagre, o Secretário Miguel Gil também.

À tarde chegou a E.V.S. composta da enfermeira Maria Eugênia e o motorista Cacá. Trouxe muita vacina para os índios.

DIA 03 (3ª Feira):

Hoje começou a vacinação. Quase não tem índio para ser vacinado. A Maria Eugênia comentou que das outras vezes chovia índios quando a EVS chegava e agora não tem ninguém. Ela falou isto na presença do Farid que ficou muito sem graça pois ele sabe que os índios não estão vindo por causa dele.

Chegaram à sede dois fazendeiros e pediram ao Farid permissão para fazerem medição de terras e quando o Farid passou o rádio, disse que eles estavam pedindo para fazer reavivamento.

DIA 04 (4ª Feira):

Quando a EVS vai ao Pradinho, pelo à Maria Eugênia para ir lá, pois pretendo conhecer o lugar e apesar do Farid demonstrar tremenda má vontade, pude ir lá e gostei. Ao contrário dos daqui, todos foram vacinados. A acolhida que tivemos foi boa, aquilo que foi porque o Farid não foi junto pois o pessoal de lá também está descontente com ele.

Conversando com o capitãozinho, ele falou da necessidade de uma professora lá. Disse que todos querem aprender e já tem o material para a construção da escola, mas o coronel não olha por eles.

Pediram que eu falasse ao Cel. que já que os daqui não querem estudar, que mande a professora para lá e assim eu também poderei ajudá-les já que o Cel não quer me dar nenhuma chance de fazer alguma coisa aqui no PI. Soube pela Maria Eugênia que o Cel. Bloise quer me prejudicar falando que no meu inventário faltaram algumas reses e que agora, quando foi feita nova contagem, algumas delas foram encontradas. Acontece que quando fiz o inventário, o fiz contando as reses uma por uma no curral e as faltas e baixas quem me forneceu os dados foi o vaqueiro João que na ocasião era o único com capacidade para esclarecer, pois o Nazareno estava afastado do PI e o Farid não sabia nada.

DIA 05 (5ª Feira):

Hoje a EVS foi embora. Foram muito poucos índios que se vacinaram. A Maria Eugênia disse que nunca aconteceu isso.

DIA 06 (6ª Feira):

Hoje o Farid foi ao Pradinho levar remédio para alguns índios que se queixaram de coceiras, principalmente as crianças. A

distância é muito grande e elas não podem vir ao Pôsto.

À tarde quando ele chega, vou ao escritório com minha esposa para assinar o ponto. Ele está escrevendo à máquina. Nós o cumprimentamos e ele não responde e fecha a casa. Não sei o que se passou para ele nos tratar assim.

Quando o rádio vem, recebo notícia de minha transferência para a 7ª DR. A viagem será por minha conta e se não aceitar serei demitido.

Ao ler o rádio, o Farid demonstra ar de satisfação mas o jeito que eu o olho, deixa-o logo sem graça. É revoltante a sua falsidade. Graças à sua deslealdade para com os outros e a cumplidade do Cel. aconteceu o meu afastamento do PI, o do Nazareno e do Fermaul. Fiquei convencido que aqui no PI não pode ficar ninguém que queira ajudar aos índios. O cel só quer falsos, analfabetos e tolos que façam seu jogo para acabar com os índios. Os coitados andam com fome, maltrapilhos, descalços, mal assistidos em medicamentos e o Cel nem se importa.

DIA 07 (SÁBADO):

Hoje o Lourenço chamou-me para relatar muitas coisas que estão se passando no PI. Falou que o Ildebrando anda fornecendo cachaça aos índios e que anda abertamente no PI, se instalando também na casa do Índio Adolfo, seu cunhado, onde deixa cachaça que por sua vez a Alaide sua irmã e esposa de Adolfo também anda vendendo cachaça aos índios, levada por seu irmão Ildebrando.

DIA 08 (DOMINGO):

Hoje, por milagre, o Miguel Gil não foi para Machacalis e vem para a sede onde fazemos juntos uma Gaiola.

DIA 09 (2ª Feira):

Mando resposta ao rádio de sexta-feira dizendo: "aceitamos transferência p/ 7ª DR a qualquer hora. Peço esperar o pagamento de fevereiro".

Hoje, mais uma vez, o Farid agiu errado. Há vários dias ele me trouxe uma sela toda arreventada, pedindo-me que a consertasse e não emprestasse a ninguém, principalmente ao pessoal do Adolfo que pega as coisas da Funai e não devolve.

5 Hoje, logo de manhã, veio o Zé Lindo pedir a sela emprestada. Falei que o Farid dera ordem de não emprestar quando este chegou e falou que tinha emprestado para eles. Eta covardia!

Para mim, o Farid teme alguma coisa. Talvez alguma su-

jeira grossa "principalmente sobre a venda de remédios dos índios aos civilizados". Isto foi o próprio Zé Lindo quem me contou. Ele teme que falem e se acovarda. A maior prova disto é que ele sabe que o Ildebrando ainda vendendo cachaça aqui dentro do PI, quase aqui na sede e não faz nada.

DIA 10 (3ª Feira):

Hoje devolvi os carneiros que tinha ganho. Matei um e devolvi tres. Como vou embora, não terei condições de criá-los e o Cel. Bloise não terá motivo nenhum para me caluniar dizendo que estou recebendo presentes de fazendeiros. Estes carneiros foram os únicos presentes que recebi e não fiquei com eles foi por não poder. Não fosse isso, não os devolveria porque eu os ganhei por uma questão de amizade e não por aproveitar de tirar do índio como faz o Farid que recebe galinhas, ovos e porcos em troca de remédios, conforme muitos comentam.

À tarde ficamos sabendo que o Nazareno foi proibido pelo Cel. de entrar no PI.

DIA 11 (4ª Feira):

Hoje, quando o Farid vai passar o rádio, eu vou entrar para saber se veio algo para mim, quando ele barra minha entrada no escritório, alegando que eu não sou seu amigo. Em face a tantos acontecimentos, eu lhe respondo a mesma coisa e lhe falo de sua falsidade para me prejudicar e é aí que o pano cai.

Conversando, nós esclarecemos muitas dúvidas que estava nos levando por um caminho perigosíssimo. Falei principalmente que o Nazareno me dissera que ele estava para me matar, à minha esposa e aos meus filhos, e que tudo o que se passava no PI o Cel. sabia por intermédio do Farid que andava até passando rádios falsos para tirar proveito.

Ao ouvir todas as minhas queixas, o Farid ficou desesperado, jurando por tudo e todos que nunca fizera isto, que seu erro foi ouvir o Nazareno ao mandar alguns rádios, deixando que o Nazareno redigisse as mensagens ao seu bel prazer, fazendo calúnias, dizendo mentiras e aumentando fatos.

O Farid deixou que ele me prejudicasse, assinando mensagens sem atinar que com isto estava me prejudicando totalmente.

O plano do Nazareno era me afastar do PI, tirar o Farid do caminho e ficar ~~ela~~, mas graças a Deus e à Nossa Senhora da Aparecida, a grande desgraça não aconteceu e ao contrário, mostrei este diário ao Farid, falei de tudo o que pensava a seu respeito e ele também foi franco para comigo e com isto nos unimos.

Juntos, começamos a pesar os prós e os contras e a conclusão foi simples. A coisa começou a se manifestar para me prejudicar desde quando descobri sobre o roubo da madeira.

Um dos cabeças é o Lourenço que desde que cheguei quis de todas as maneiras me afastar do PI. Como fiquei, ele procurou e conseguiu envenenar a mente do Cel. Bloise me caluniando e Alcaguetando. Tenho certeza que é ele, porque além de estar envolvido com o roubo, age de parceria com o Nazareno que também roubou e vendeu muita madeira, fato que o Sr. Miguel Lopes da Silva (Miguelzinho) nos relatou hoje. O Miguelzinho sabe desde ha muito sobre isto e fica calado porque o seu irmão Lourenço está no meio.

Agora sabemos que o Nazareno se compactua com o Lourenço e se aproximou de nós no intuito de nos afastar do seu caminho tecendo um belo plano que se não é a mão de Deus, teria dado certo.

DIA 12 (5ª Feira):

Hoje, o Farid vem à minha casa e faz questão de se mostrar amigo, pedindo à minha esposa que ajude a escrever os rádios que estão com muitos erros de português e que o de quando eu fui a Valadares com os índios, pela falta de concordância e desconhecimento do Português, me colocou culpado daquilo que não fiz.

DIA 13 (6ª Feira):

Ofereço-me para ajudar no que for possível e vou com o Miguelzinho e alguns índios abrir a represa para encher a lagoa que estava secando e poderia ocasionar uma epidemia de tifo.

DIA 14 (Sábado):

Fui com minha família à casa do Baim, chegando até a do Onofre. Lá encontro com o Renan e sua esposa e o Soldado Bandeira que nos trazem de gipe até a casa do Lourenço e de lá vimos a pé para a sede.

DIA 15 (DOMINGO):

Hoje o Farid vem almoçar aqui em casa e renova o seu desejo de esclarecer todas as dúvidas com o Cel. Assim, que ele chegar, tirando esta dúvida que pesa contra mim, me prejudicando totalmente e que faz o Cel. me tratar da pior maneira possível. O Farid quer colocar tudo em pratos limpos.

DIA 16 (2ª Feira):

Continuamos a arrumar a lagoa e o nível da água sobe rapidamente, afastando o perigo. O trabalho é duro e cansativo mas vamos conseguir. O Lourenço como sempre, não ajuda em nada. Fica

Fica sentado o dia inteiro debaixo das jaqueiras ou na porta do escritório e hoje falou, não sei o que, com os índios e estes não quiseram mais ajudar e porisso paramos o serviço.

À tarde o Farid pede à minha mulher que bata algumas cópias do Memorial que a Câmara Municipal de Bertópolis enviou ao Presidente da República pedindo uma solução para o roubo dos índios que está prejudicando os ruralistas da região.

DIA 17 (Terça-Feira):

Pela manhã o Farid trouxe um burro para puxar o esterco para a horta do Serafim e o cimento para a represa. Alguns índios vieram trabalhar e o índio Tintim amarrou o burro numa jaqueira e foi "almocar". Quando chegou, tinham roubado a corda com que estava amarrado. Desconfio que foi o Zé do Adolfo e o Zé Lindo pois só eles estavam aqui na sede, neste período.

À tarde acabamos o serviço e agora é só esperar a lagoa encher.

DIA 18 (4ª Feira):

A lagoa continua enchendo e tudo corre normal.

DIA 19 (5ª Feira):

4 Tudo Normal.

DIA 20 (6ª Feira):

Minha esposa passa rádio para saber acerca do prazo em que poderá permanecer nossa mudança na estação e fica sabendo que o Cel. virá ao PI no sábado.

DIA 21 (SÁBADO):

Desde cedo os índios da Grim estão na sede aguardando o Cel.. Ao saberem que o Cel. chegará à tarde, a maioria se retira só ficando os índios Doutor e Camilo, do Pradinho. Estes vêm a minha casa onde lhes ofereço almoço pois sei que estão com fome. Eles conversando, me falam que desde a véspera não comeram nada e que suas casas estão limpas, Aguardam ansiosos o pagamento para fazerem feira.

À tarde chega o Cel. Traz um pouco de feijão e milho e efetua o pagamento da Grim.

Logo que ele chega em cia do Rômulo, o Lourenço o chama para um lugar afastado dos outros e começa a falar. Pouco depois, junta-se a eles o Rômulo e os três ficam sós e só o Lourenço fala. Eu sei agora que é ele o delator" aqui no PI conforme afirmou o Mi-

guelzinho certa vez. Quando o cel volta, já está mudado.

O Farid nos disse que falara ao Cel. que nos ouvisse mas não acredito e assim espero até à noite mas o Cel. vai dormir alegando estar cansado e que me ouvirá pela manhã.

DIA 22 (DOMINGO):

Acordo cedo e minha esposa também e esperamos que o Cel. nos chame conforme prometeu ontem à noite, mas ele apronta tudo, entra na rural e antes de sair conversa animadamente com o Farid, Lourenço, Adolfo e se vai sem ao menos se dirigir a mim e minha esposa que estávamos perto.

Quando ele se vai a minha indignação é tão grande que vou atras da rural e a alcanço na casa de Lourenço. Peço para falar ao Cel e ele não quer me dar atenção. Então apelo para seu senso de educação e quero saber ao menos sobre este impasse da minha transferência. Falo-lhe de sua incompetência como Chefe porque sua obrigação era ouvir-me. Falei-lhe sobre o escandaloso roubo de madeira que está se verificando no PI e ele não toma providências e que desde que eu descobri este roubo, um dos implicados que é o Lourenço faz tudo para me afastar daqui, lançando calúnias e enchendo seus ouvidos.

Disse-lhe que estou fazendo papel de palhaço pois estou sendo humilhado e proibido de fazer qualquer coisa. Estou praticamente sem poder trabalhar. Falei-lhe que enquanto estiver rodeado de gentinhas, a situação tende a piorar mais. Ele replicou que irá à Brasília pedir a transferência ou demissão de todos, tanto da delegacia como do PI. Será ele ou os outros, ao que o Rômulo, como tremendo puxa-saco, ficou solidário.

Pedí ao Cel que me concedesse licença pelo carnaval para ir ao Rio visitar minha família e ele concordou, mandando o Farid dar a permissão por escrito.

À tarde chega notícia que os índios Tintim, Carmino, Tomé e Jaime atacaram o índio Camilo, aplicando-lhe violenta surra. Este muito ferido fora levado para Santa Helena.

DIA 23 (2ª Feira):

Pela manhã o Farid passa rádio comunicando que irá levar o índio Camilo para Águas Formosas devido ao seu estado ser grave. O Cel. comunica que voltará novamente ao PI e chegará à noite.

Eu e o Farid, levamos o ferido a Águas Formosas e este não se cansa de repetir que quando ficar bom vai se vingar matando seus agressores.

Como estou com pouco dinheiro para chegar até Valadares onde retirarei dinheiro do Banco, pelo ao Cel. que me dê uma carona e ele concorda em me levar e à minha família.

DIA 24 (3ª Feira):

Pela manhã torno a lhe falar e ele reafirma que nos levará. Disse que vai até Águas Formosas e trará o índio se este tiver alta e voltará para me buscar. Quando o vejo sair levando muitas coisas além de sua bagagem, penso que ele não voltará e comprovando sua falta de personalidade, recebo muito mais tarde um recado pelo Lourenço que ele não voltará.

À noite combino com o Sula que faz frete com uma Kombi, de vir me buscar pela manhã pois de tarde recebi parte de um dinheiro que o Dôzinho me devia, o que permitirá nosso transporte, mas teremos que ficar sem comer nada até chegar Valadares, senão o dinheiro acaba.

DIA 25 (4ª Feira):

São 6,30 hs, quando partimos e muitos índios foram na estrada para nos dar adeus. Ontem, muitos estiveram em minha casa e choraram pensando que eu ia embora. Disse-lhes que só iria passear e muitos nos presentearam com colares e pediram para lhes trazer roupas. Afirmei-lhes que sim e anotei seus nomes.

DIA 26 (5ª Feira):

Após uma viagem cansativa e cheia de baldeações, chegamos a Valadares. Fomos ao banco, consegui com muita sorte duas passagens para o Rio e fizemos algumas compras.

Quando estamos na estação para pegar o ônibus, eis que chega o Cel. Bloise em cia do Rômulo e do Branco. O Cel. ao nos ver se surpreende e fala que comprara passagem com antecedência e que nós chegamos hoje e achamos passagem. Sua surpresa principal era o fato de estarmos ali sem sua ajuda.

DIA 27 (6ª Feira):

São cinco horas e estamos no Rio. Durante toda a viagem o Cel não conversou mais que meia dúzia de palavras comigo. Todas as tristezas logo serão esquecidas pois vou rever minha família e assistir ao carnaval.

DIAS 28, 29, 1º e 2:

Aproveito para visitar parentes e amigos e matar as saudades. À minha família coloco ao par de tudo o que está se passando

no PI, as atitudes do Cel., o roubo da madeira que eu descobri e que foi após este descobrimento que o Cel se voltou contra mim.

DIA 03 (4ª Feira):

São 20 horas quando pegamos o ônibus de volta e nele também vem o Cel. Bloise. Na rodoviária, apresentei minha mãe a ele e esta me falou que se ele fizer alguma coisa contra mim que moverá céus e terras para castigá-lo.

DIA 04 (5ª Feira):

5 São cinco hs que chegamos a G.V. e na estação está o Rômulô a espera do Cel., que desce rapidamente e some em companhia do puxa-saco.

DIA 05 (6ª Feira):

Chegamos ao PI à noite e como deixara o Farid com a responsabilidade de minhas chaves e este não **cumprira** o que prometera de dormir aqui em casa, tive que arrombar a porta.

DIA 06 (SÁBADO):

Aviso aos índios que lhes trouxe as roupas prometidas, linha, agulhas e brincos e durante o dia, minha casa mais parece uma loja em liquidação, com os índios escolhendo as roupas. Muitos trouxeram mais colares para ganhar mais roupas e eu senti ser tão longe e não ter um carro próprio para trazer muito maior quantidade de roupas para todos, pois dá **pena** vê-los tão esfarrapados.

O Farid chega, eu lhe entrego a lembrança que lhe trouxe e ele promete trazer minhas chaves amanhã.

DIA 07 (DOMINGO):

Vou a Santa Helena e na volta fico sabendo pelo Farid que um ladrão entrou em sua casa e roubou minhas chaves. De **caixa**, acho esquisito. Índio não rouba chave e logo as minhas. Aí tem dente de coelho. Não acredito que tenham sido roubadas. Ora, o Farid diz que roubou uma coisa, ora outra e cai em contradição. Sei de seu interesse em lhes dar sumiço, pois estas chaves serviram para abrir o escritório no dia da briga do Tintim, mas terão que, ou aparecer ou mandar comprar novas fechaduras, pois as chaves da escola também estavam juntas e a porta da escola não poderá ser arrombada pois com isso, sumirão as carteiras e cadeiras da sala de aulas.

DIA 08 (2ª Feira):

Começam a chegar muitos índios querendo feijão para

plantar. O Farid distribui apenas entre quatro ou cinco índios somente e diz que vai pedir mais ao Cel.

DIA 09 (3ª Feira):

O Farid diz que passou rádio avisando ao Cel. que o índio Camilo recebera alta e queria permissão para buscá-lo em Águas Formosas e o Cel. avisa que vai buscá-lo e trazer mais sementes. Alega que também pediu ao Cel. para trazer novas fechaduras mas sei que isto ele não pediu, enfim, vou esperar.

DIA 10 (4ª Feira):

Pela manhã, fico sabendo pelo Lourenço que os índios Tiago, Júnio e Adolfo tinham roubado e matado duas vacas do fazendeiro Valdívio de Lúcio e que este dera parte do roubo em Machacalis. À noite chega o Cel. Bloise trazendo o índio Camilo e o leva até ao Pradinho para ver a família e retornar para Belo Horizonte afim de colocar platina no braço já que devido às pauladas, teve o osso esfacelado.

DIA 11 (5ª Feira):

Logo cedo o Cel vai embora. Fico sabendo que está um pouco furioso porque as autoridades de Machacalis, Santa Helena e Bertópolis o avisaram que se pegarem os índios roubando os prendirão, principalmente os ladrões de gado.

DIA 12 (6ª Feira):

Logo cedo, todos os funcionários, inclusive o Farid, se mandaram para Machacalis ficando no PI só eu, minha esposa e o Vaqueiro João. O Farid falou que iria também para Águas Formosas e só voltaria domingo à noite para trazer vacinas e que o Cel contratara um veterinário para aplicar as vacinas.

DIA 13 (SÁBADO):

Apareceram muitos índios do Pradinho querendo feijão e ao saber que o Farid não estava, ficaram de voltar segunda-feira.

DIA 14 (DOMINGO):

Hoje fui à casa do fazendeiro Baim e ele revoltado falou dos roubos dos índios em sua fazenda. Estão devastando o mandiocal. No laranjal, chegam ao ponto de apanhar grande quantidade de laranjas verdes e deixá-las jogadas pelo chão. Falou do desespero da população adjacente ao PI que não estão mais podendo plantar nem criar nada e muitos estão chegando ao ponto de apanhar o café ainda meio verde porque os índios já estão roubando e vendendo na feira. Mui-

tas pessoas disseram que tem índio vendendo café ao preço de Cr\$.... 15,00 o quilo.

A revolta dos ruralistas é grande, o Cel. Bloise não toma providências, o Chefe interino do PI que é o Farid Miguel é um incompetente que só sabe fazer o que convem o Cel. Não tem capacidade nem coragem para dirigir um posto de responsabilidade. Os índios fazem dele o que querem, o índio Jaime jogou-lhe na cara que estava roubando o feijão dos índios e ele não fez nada, os índios da Grim não trabalham e nem o obedecem. O funcionário Miguel Gil saiu do PI na sexta-feira e ele nem liga. Enfim, todos fazem o que querem e quando o Cel chega os trata na palma da mão e procura cada vez mais me humilhar.

DIA 15 (2ª Feira):

Pela manhã, chega o veterinário para vacinar o gado e antes que o Farid saia, minha esposa pergunta-lhe se tomara providências sobre as chaves. Ele responde que o Cel não trouxera as fechaduras. Ela, quando pergunta o que fará para dar aulas, ele responde que as chaves da escola estão dentro do escritório e se afasta no gipe.

Acontece que só existiam as chaves que estavam juntas com a da minha casa e que eu dera a ele para guardar e ele disse terem sido roubadas. Com isto ele se condenou e agora sei que as chaves não foram roubadas.

DIA 16 (3ª Feira):

O Farid não insiste em não nos dar atenção à respeito das chaves. Pedimos permissão para ir a Machacalis e depois resolvemos ir a Bertópolis buscar merenda escolar e cartilhas antes que o prazo se esgote. Após falar com o Prefeito, recebemos muitas cartilhas e uma caixa com 20 quilos de tody. Para chegar ao PI, até o auxílio do Sr. Onofre R. de Souza, vereador local foi preciso devido a dificuldade de condução.

DIA 17 (4ª Feira):

Falo com o Farid que fui a Bertópolis e do material que trouxe. Ele fica furioso e comunica ao Cel. Bloise que fomos sem sua permissão e que não devíamos ter feito nada.

DIA 18 (5ª Feira):

O Cel. passa rádio pedindo satisfação porque fomos a Bertópolis. Fazemos rádio para responder e para pedir providências sobre as chaves mas o Farid não deixa. Junta-se com o Lourenço e começam a me insultar, ocasião que eu lhes falo que não preciso usar

arma para lhes falar, que são covardes, principalmente o Farid que fala as coisas e não sustenta o que diz, e ele me proíbe de entrar no escritório enquanto for chefe e diz que vai comunicar ao Cel. que eu e minha esposa o estão humilhando.

DIA 19 (6ª Feira):

Chega ao PI o novo chefe do PI e ao apresentá-lo aos funcionários, o Cel. faz um pequeno discurso onde procura lançar todos os tipos de indiretas para mim e procura elogiar ao máximo aqueles que são seus cupinchas, acobertando suas faltas

DIA 20 (SÁBADO):

Para não me aborrecer mais vou a Bertópolis e falo ao prefeito, minha situação e ele se prontifica a me ajudar, dando-me prioridade de montar uma bomba de gasolina e me dar cobertura e fico com ele examinando a situação.

DIA 21 (DOMINGO):

Retorno ao PI e fico sabendo que o Cel procurou jogar alguns índios contra mim e mentindo-lhes a meu respeito.

DIA 22 (2ª Feira):

O novo chefe vai a Bertópolis, cumprindo ordens do Cel. Bloise para ver se eu falei ou fiz algo que o prejudicasse. Quando o novo chefe chega, chama-me ao escritório e me pede que lhe entregue as cartilhas e o Tody e fala que ao contrário do que esperava, soube que a minha conduta não desabonou ninguém e que o prefeito lhes mostrou o mal que estão fazendo contra mim e minha esposa que estamos procurando ajudar aos índios de todos os meios. Como minha esposa começa a chorar por tantas humilhações por que temos passado, o novo chefe mostra-se interessado em nos ajudar e fico sabendo que o Cel. Bloise procurou incutir na sua cabeça tudo de ruim sobre nós, lançando-nos calúnias e escondendo as faltas dos outros, principalmente procurando fazer o Lourenço e o Farid passarem por bons, atribuindo-lhes os acontecimentos bons que nós praticamos.

Ao novo chefe mostro-lhe as cópias dos relatórios que fizemos quando viemos da primeira vez e o Lourenço e o Farid nos aconselharam a voltar, amedrontaram o Fermau e estes mesmos, depois negaram tal fato e o relatório sobre a escola e que o Cel. não se dignou a responder. Pedí-lhe dispensa para ir a G. Valadares receber pagamento junto c/minha esposa e ele me deu dispensa até segunda-feira.

DIA 23 (3ª Feira):

Chegamos a Bertópolis após uma caminhada cansativa.

DIA 24 (4ª Feira):

Saímos de Bertópolis e chegamos a Valadares a fim de receber meus vencimentos e descansar os dias de minha dispensa.

DIA 29 (2ª Feira):

Pelos colegas da delegacia fico sabendo que os índios insuflados pelo Cel. Bloise saquearam minha casa e que o Cel. mandou que, quando eu chegasse, me batessem até matar. Matassem as crianças e violentassem minha esposa. Revoltado fui falar com o Cel. e ele me atendeu muito bem no início, tentando me influenciar a voltar ao PI, falando que a minha transferência não havia chegado, mas como insisti que soube por alto que minha transferência havia chegado e ele remexendo em alguns papéis achou-a.

Acusou-me de tê-lo chamado de ladrão ao que eu lhe respondi que não o chamara disto e sim que estava acoitando os ladrões e ele ameaçou-me de morte dentro da delegacia.

Prof. Antonio de Souza

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

DOCUMENTOS REFERENTES AO PI MAXACALI

- 1 - RELAÇÃO DE MATERIAL
- 2 - RÁDIOS de 19/11/75 COMUNICANDO CONFLITO NO MAXACALI.
- 3 - RÁDIO DE 9/12/75 informando necessidade de medicamentos
- 4 - RÁDIO DE 17/12 DA 11ª DR SOBRE BAIXA DE GADO
- 5 - RÁDIO DE 18/12, do ONOFRE, SOBRE ASSINATURA DAS BAIXAS DE GADO.
- 6 - 7 - 8 - DOCUMENTOS FEITOS PELO VAQUEIRO JOÃO COELHO DE MORAIS SOBRE BAIXAS (MORTES) DE GADO.
- 9 - 10 - DOCUMENTOS SOBRE NECESSIDADES DE BEZERROS
- 11 - 12 - 13 - DOCUMENTOS EM QUE ONOFRE ANOTA O GADO EXISTENTE NO CURRAL DO MAXACALI.

mez de novembro

Fraguza. Inan
triste

Novilha no 180

Bezerro melora Vermelho

Vaca no 111

Bezerro gmd branco +

Vaca no 50 Bezerro +
melora branca

Fraguza no 304

Baixas

Bois 48 e 185

doados p/altate

PSS. 520, p. 41/64

85 Dec 28. 11

Gado que foi dado

naixa no 27 x
56 x
328 ✓
337 x
316 x
349 x
361 ✓
346 x
308 x
3 ✓
318 +
329 x

para dar Baixa

me 360 ✓

264 ✓

259 ✓

253 ✓

263 ✓

257 ✓

377 +

267 ✓

255 ✓

252 ✓

Bezerro que nasceu em novembro

(9)

novilha que sa com a vaca

~~no 180~~

~~Bezerro gir var melho nascido a os 5 de novembro~~

~~novilha no 70~~

~~Bezerro melho var melho nascido a os 10 de novembro~~

~~vaca no 111~~

~~Bezerro gorda Brazil branco nascido a os 13 de novembro~~

~~vaca no 91~~

~~Bezerro comum preto nascido a os 16 de nov~~

~~vaca no 143~~

~~Bezerro gir var melho nascido a os 21 de novembro~~

~~Novilha no 145~~

~~Bezerro gir pintado nascido a os 1 de dezembro~~

nascerimentos

13 de Dezembro

PSS, 520, p. 45/64 (10)

Vaca no 32

BEZERRA comum Vermelha
nascido dia 8 ✓

Vaca no 63

BEZERRO gir marcel
nascido dia 14 ✓

Vaca no 8

BEZERRA Indulrazel
marcel
nascido dia 16 ✓

novilha no 175

BEZERRO comum
vermelho gir
nascido dia 17 ✓

novilha no 121

BEZERRA gir marcel
nascido dia 19 ✓

Vandee

novilha no 248

BEZERRO comum pintado
nascido dia 19 ✓

Belet's

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



ARQUIVO NACIONAL

Coordenação Regional do Arquivo Nacional no DF- COREG

Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BRAN, BSB, AA3, PSS.520, p.46/64

Dados do documento especial

Característica:

Grande formato

Conteúdo:

Fornelário de inventário de
Semovente.

Localização:

CX. 25

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

documento não digitalizado

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



ARQUIVO NACIONAL

Coordenação Regional do Arquivo Nacional no DF- COREG

Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BRAN, BSB, AA3, PSS. 520, p. 47/64

Dados do documento especial

Característica:

Grande formato

Conteúdo:

Fornalário de inventário de
Semente

Localização:

CX. 25

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

documento não digitalizado



Remissão de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BRAN, BSB, A43, PSS. 520, p. 48/64

Dados do documento especial

Característica:

grande formato

Conteúdo:

Formulário de inventário de
semente.

Localização:

CX. 25

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

documento não digitalizado



Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BRAN, BSB, AA3, PSS. 520, p. 49/64

Dados do documento especial

Característica:

Grande formato

Conteúdo:

Formulário de inventário de
Jeniovante

Localização:

CX. 25

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

documento não digitalizado

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



ARQUIVO NACIONAL

Coordenação Regional do Arquivo Nacional no DF- COREG

Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

B2AN, B5B, A43, PSS. 520, p. 50/64

Dados do documento especial

Característica:

grande formato

Conteúdo:

Formulário de inventário de
Jemovento

Localização:

CX. 25

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

documento não digitalizado



Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BRAN, BSB, AA3, PSS, 500, p. 51/64

Dados do documento especial

Característica:

grande formato

Conteúdo:

Formulário de inventário
de movimento

Localização:

CX. 25

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

documento não digitalizado

PI. Maxacalis, 22/03/76

Relação do material entregue a mim Chefe do PI. Maxacalis pelo Sr. Onofre Servidor deste PI. Material este destinado a merenda escolar e a aula de alfabetização de adultos que o referido servidor trouxe de Bertópolis após entendimento de livre e espontanea vontade com o Sr. prefeito daquela cidade e com o secretário do ginasio encarregado regional do Mobral.

Referentes ao Mobral

38	cartilhas	Quem le vai longe
36	"	Livro de leitura
18	"	Eu agora sou mais eu
17	"	Livro de matemática
31	"	Matemática (conjunto de alfabetização)
25	"	Exercícios de linguagem
36	"	Leitura (conjunto de alfabetização)
11	"	Exercícios de matemática

Referentes a merenda escolar

10 pacotes de 2kg cada um, de today

Assinam como testemunhas da entrega os servidores :

Fausto Miguel
FAUSTO MIGUEL

Miguel de Souza Gil
Miguel de Souza Gil

Slowacki de Assis

Slowacki de Assis

Chefe do PI. Maxacalis

PI MAXACALIS 29/11/75

EU ONOPRE ANTONIO DE SOUZA, pastei um rádio para Brasília em caso de extrema urgência por haver um conflito de graves consequências entre os índios de PRADINHO E A GRIN (POLICIA INDIGENA), havendo até o momento, uma vítima fatal e outra ferida gravemente - 17hs 05mm

PI MAXACALIS

PI MAXACALIS 29/11/75

Eu ONOPRE ANTONIO DE SOUZA, pastei um S.O.S. e respondeu BRASILIA, afim de receber ajuda devido a conflito entre índios de PRADINHO E ELEMENTOS DE GRIN (POLICIA INDIGENA) COM graves consequências-29/11/75 as 17hs 05mm

DE: CV. N° 17 FL.105 DT. 09/12/75 Ms. 12

CR. ONOFRE

N° 610 /11ª DER. 09/12/75 PT 61 MAX.

CONFORME VSª E HÁR CIENTE VG ATÉ FEVEREIRO NÃO TEMOS CONDIÇÕES

AQUIZIÇÃO QUALQUER MATERIAL OU MEDICAMENTOS PARA ANIMAIS PT

INFORMO DO SAL ENVIADO AO P.I. NESTES ÚLTIMOS DIAS PT

NUPIÇÃO NEGATIVO PT ESTAREI NA ÁRIA QUARTA FEIRA DIA 10/12/75 PT

SEU DESLOCAMENTO SERÁ SEM ÔNIBUS PARA FUNAI PT INFORME PORQUÊ

VSª ENCAMINHOU INVENTÁRIO CADO E REMOVENTES DO P.I. PT

ATÉ O PRESENTE DATA AQUI NADA CHEGOU PT REMETA URGENTÍSSIMO PT

SBS. CEL. FLORESE. DEL. RSG. 11ª DER.

DE: ... 12. 16 ... 17/14/45 ... 12

11* DEB. 17/14/45

... 18 ... 19 ... 20 ... 21 ... 22 ... 23 ... 24 ... 25 ... 26 ... 27 ... 28 ... 29 ... 30 ... 31 ... 32 ... 33 ... 34 ... 35 ... 36 ... 37 ... 38 ... 39 ... 40 ... 41 ... 42 ... 43 ... 44 ... 45 ... 46 ... 47 ... 48 ... 49 ... 50 ... 51 ... 52 ... 53 ... 54 ... 55 ... 56 ... 57 ... 58 ... 59 ... 60 ... 61 ... 62 ... 63 ... 64 ... 65 ... 66 ... 67 ... 68 ... 69 ... 70 ... 71 ... 72 ... 73 ... 74 ... 75 ... 76 ... 77 ... 78 ... 79 ... 80 ... 81 ... 82 ... 83 ... 84 ... 85 ... 86 ... 87 ... 88 ... 89 ... 90 ... 91 ... 92 ... 93 ... 94 ... 95 ... 96 ... 97 ... 98 ... 99 ... 100 ...

DE: ... 11* DEB.

PSS, 520, p. 56/64

5

PL 40

Nº 18 Nº 64

DE MAXACALIS
A 11ª DR EX GV 18/12/75

AO SR. DELEGADO DA 11ª DR. CEL. BLOISE

EM RESPOSTA RADIO DIRIGIDO A ONOFRE A. DE SOUZA; POR TER ASSINADO
17 TERNOS DE BAIXA DO GADO;

MOTIVO TER ASSINADO FOI SEGUINDO INFORMAÇÕES
DO VAQUEIRO JOÃO, VISTO SER ELE A UNICA PESSOA ADEQUADA A INFORMAR SOBRE
O GADO. QUANDO FUI FAZER O INVENTARIO SOBRE O GADO, FORAM ENCONTRADAS
ESTAS BAIXAS.

Onofre Antonio de Souza

Maracalis, 4 de janeiro de 1976.

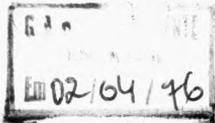
Ao
 Cel. Joel
FHNAI

Felicitações pela passagem do ano. Espero que tenha passado um bom Natal e que o novo ano de 1976 lhe traga muita paz e saúde juntamente com todos os seus familiares.

Aproveito esta oportunidade para dar meus primeiros informes acerca da situação em que se encontra Maracalis.

Estão acontecendo coisas que só mesmo estando aqui e que se verifica toda a verdade.

Aqui estou praticamente sem poder fazer nada. Não encontro após nenhum. O gado está morrendo quase que diante dos meus olhos e nada posso fazer, porque não tem nenhum remédio nem vitamina. Não há



Sal, quando cheguei, vieram 5 sacos de 30 quilos e para mais de 300 rêses, o sr. já viu quanto tempo iria durar, sendo que o gado aqui só come capim. Os bezerras que nascem, não aguentam a fome e os bernes, tanto os bezerras quanto o gado em geral, são tantos que maltratam o animal a ponto de ocasionar sua morte. O curral está inacabado, não há separação por falta de arames e com os pastos juntos, os machos forçam as fêmeas várias vezes, atrapalham a procriação e há casos em que vacas estão com o útero para fora.

Pede providências, mas não adianta. Parece haver um complô de alguns que aqui se encontram para ajudar a dificultar tudo.

Quando chegamos aqui, o chefe do Posto havia sido transferido para outra DR. Pensei que no meu setor que é ser encarregado do gado, fosse possível agir, mas nem isso posso fazer.

O vaqueiro não obedece, o enfermeiro se intromete, dois personagens aqui que se dizem intérpretes se metem, enfim, fico só e nada posso fazer.

Outra coisa que está acontecendo aqui é o problema da falta de alimentação do índio. A maioria não planta, alegam que não podem trabalhar de barriga vazia. Comem na sua maioria, jaca, como almoço e janta. Se alguns plantam pequenas roças, os outros entram e apanham tudo.

Uma séria providência a se tomar é a respeito do roubo que estão cometendo, roubando aos fazendeiros vizinhos. Roubam porcos, galinhas, gado e devastam mandiocais, etc.

A bebida também influi. Apesar da proibição, os índios continuam bebendo, ocasionando brigas e ferimentos.

Sigo na primeira semana que aqui estávamos, houve uma

briga ocasionada pela cachaca, entre indios do Pradinho e os da aldeia vizinha aqui do posto. Foi num sabado e só estava eu e minha esposa na sede.

Quando a noticia chegou, falando haver dentre eles um gravemente ferido, um indio chamado Sintim, seus familiares começaram a chegar chorando e bradando alto. Estavam todos armados com arcos, flechas, facões e até espingarda. A eles foram se juntando outros indios também armados. Procurei os interpretes e eles não se encontravam. Era preciso tomar uma providencia e o óles se encontrava no fim. Antes que a situação piorasse, procurei informar à Delegacia o fato. Como esta não atendia, pedi ajuda a quem estivesse na escuta. Felizmente atendeu aí em Brasilia e pude entrar em contato com o Cel. Blaise.

Informei haver um ferido grave e o outros eu desconhecia o estado, visto estarem distantes, no local da briga, já

estar escurecendo e eu não possuía arma nenhuma. Os próprios índios mais velhos informaram do perigo, fazendo com que todos ~~permanecessem~~ permanecessem no posto. Então, chegou o índio ferido, coberto de sangue, e eu tive que forçar também a porta da enfermaria porque o enfermeiro não ~~estava~~ estava e não deixara as chaves, e procurei fazer os prisioneiros socorros. Este levava vários golpes de facão na cabeça, quase lhe arrancando o couro cabeludo, uma flecha da altura das costelas e várias pauladas. Procurei e só achei gaze, esparadrapo e água oxigenada. O ferido gemia de dores e não havia nenhum analgésico. Como no posto não tem oriatina e o bel. só iria chegar no dia seguinte, pedi a alguns índios que buscassem socorro junto a alguns fazendeiros que possuem e estes alegando muitas razões se negaram a prestar ajuda. Com isso o ferido levou mais de quinze horas para ser ~~o~~ medicado,

O que foi feito somente no dia seguinte quando El. Bloise chegou. Se este índio não fosse forte, o El. teria encontrado um cadáver, visto a quantidade de sangue que perdeu.

Por ter feito este auxílio aos índios, só mereci por parte do El. uma grande bronca. Para ele, o que aconteceu foi coisa simples.

Estamos aqui isolados, não recebemos notícias de nada, não nos deixam aproximar da sala do rádio. O enfermeiro, não sei por que cargas d'água anda com ar superior querendo impor uma autoridade que não sei quem lhe concedeu. Até para usar a máquina de escrever para bater fichas e relatórios tenho que pedir várias vezes. Quando não se fazem de esquecidos, demonstram má vontade.

Estamos eu e minha esposa, sentindo em termos de nós, um bloqueio às nossas ações. Os índios já sentiram que queremos ajudá-los mas também estão

sentindo a pressão que estamos sofrendo. Confiam em nós, expõem problemas e o que podemos fazer e só dizer que nós podemos fazer nada.

Isto é uma pequena face do que está acontecendo em Anacacalis.

É preciso se tomar uma providência urgente. Necessita-se fazer um saneamento, uma sindicância sem aparato, melhor dizendo, secretamente, por meios simples, que captasse a confiança dos índios, que convivesse um pouco com eles, para descobrir e apurar todas as verdades, boas e ruins. Sem isso a situação só tende a piorar, porque a grande geração existente é de mais ou menos doze anos a 18 e estes vendo o que está acontecendo e participando de todos os fatos, vão dentro em pouco criar sérios problemas.

Desculpe-me por escrever a nós e usar papel de caderno. As razões estão descritas acima.

Esperando receber suas devidas
atenções, despeço-me
atenciosamente,

Atenciosamente,
José Antônio de Souza

Lembranças para D. Maria e
felicitações.

Atenciosamente,
José Antônio de Souza

Rua Bento Gonçalves, 139.

João Guimarães Rodrigues de Souza